

Capítulo VI - FÔLEGO PARA O FUTURO

Incrédulo, ouvi do meu companheiro de viagem – e com o qual dividiria o quarto – logo após um rápido e acanhado pedido de desculpas, que estava impossibilitado de ir para New York. Sem entrar em detalhes, Mark mencionou que alguns problemas familiares tinham se agravado nos últimos dias e que a sua ausência do país, mesmo por um período que não seria longo, certamente contribuiria para que a situação pessoal piorasse.

Fiquei muito frustrado com a decisão do amigo, mas preferi não o demover da decisão de abandonar o desafio. Conhecia Mark o suficiente para concluir que o quadro pessoal mencionado por ele, deveria ser mais grave ainda, na realidade. Para mim, a desistência representava um impasse relevante, tendo em vista que eu havia reservado um quarto duplo. Com a ausência de Mark, o meu companheiro de quarto seria escolhido aleatoriamente pela agência. E não adiantava postular um quarto single agora, porque ao fazer a primeira consulta à agência de viagem, fui informado da indisponibilidade de quarto single, logo nos primeiros dias após o anúncio dos pacotes para participar da maratona.

Mesmo sem a companhia do parceiro e com as dificuldades de agenda para desenvolver um programa de treinos adequado, decidi confirmar a minha reserva para a Maratona de New York. Optei por chegar na cidade três dias antes, isto é, na quinta-feira, e retornar no voo noturno da terça seguinte.

Pouco antes da hora marcada para o grupo se reunir para o check-in, as pessoas começaram a chegar no Aeroporto do Galeão, de onde o voo direto para New York partiria. Um funcionário da agência de turismo distribuía a documentação para cada passageiro. O trabalho de identificação visual dos maratonistas e seus familiares no saguão do aeroporto era facilitado pelo uso do agasalho na cor verde-bandeira que fazia parte do pacote de viagem organizado pela agência.

O grupo não era muito grande, ao redor de 30 corredores, porque alguns participantes optaram em viajar nos dias anteriores e com isso ter mais tempo para desfrutar da cidade de New York. Outros, provavelmente por restrições financeiras, decidiram ir no dia seguinte, e com isso reduzir um pouco os custos da viagem.

Capítulo VI - FÔLEGO PARA O FUTURO

Pela minha avaliação, a média de idade daqueles maratonistas não deveria superar os 25 anos. Mas eu não tive dificuldades para me entrosar com os mais jovens, pois no meio esportivo, e principalmente entre os corredores de rua, as diferenças de idades são minimizadas, pois as conversas giram em torno de treinos, avaliação de novos equipamentos, como calçados, e tratamentos de contusões mais eficazes.

Apenas uma situação me deixava um pouco embaraçado: era quando me perguntavam sobre a expectativa do tempo que eu completaria a corrida. Principalmente entre os jovens, havia planos concretos em relação ao desempenho de cada um, quase sempre no sentido de baixar seus recordes pessoais. Como tinha plena consciência de que não tivera tempo para treinar adequadamente, eu preferia ressaltar, aos meus interlocutores mais insistentes no tema, que se tratava da minha primeira maratona e que meu objetivo era completar a prova confortavelmente.

A Maratona de New York era uma das poucas entre as principais provas no mundo nas quais a largada e a chegada não aconteciam em localizações próximas. Em mais esse conceito, priorizava-se o aspecto turístico, com o trajeto sendo desenhado para que os participantes percorressem os 5 distritos de New York. Como desdobramento adicional dessa estratégia, obtinha-se um maior envolvimento dos moradores que eram conclamados pela mídia local, a ir às ruas para incentivar os corredores, destacando na comunicação, a expressiva quantidade de estrangeiros inscritos.

A largada da maratona iria acontecer no distrito de “Staten Island”, mais precisamente na cabeceira da ponte que une essa circunscrição ao Queens. Como a distância do centro de Manhattan ao local da largada era longa, ônibus transportavam gratuitamente os corredores a partir da praça em frente à Biblioteca Pública (Public Library), na 5ª Avenida.

No dia da corrida, eu acordei cedo, pois o meu objetivo, e de outros 3 corredores com os quais havia me entrosado mais, era pegar o ônibus antes das 6 horas. A experiência mostrava que a partir desse horário aumentava a possibilidade de formação de filas ao ar livre na espera para entrar nos ônibus. E o frio em novembro em New York costuma ser um incômodo para grande parte dos brasileiros, principalmente se estiver ventando.

Capítulo VI - FÔLEGO PARA O FUTURO

Os quatro amigos não se preocuparam em tomar um reforçado café da manhã antes de pegar o ônibus. Comeram umas frutas que levaram para seus quartos no dia anterior. Durante o longo tempo que esperariam na concentração, aguardando o início da corrida, poderiam se servir à vontade do gigantesco buffet de bebidas e comidas leves oferecido pelos organizadores.

Ali, circulando pela imensa área reservada aos maratonistas, tiveram uma pequena demonstração da alegria que contagiaria as ruas da cidade quando a largada fosse dada.

Após superar a ponte do início da maratona, os corredores entraram no Queens onde uma multidão de moradores se aglomerava nos dois lados das ruas usadas como pistas, aplaudindo os participantes. Crianças esticavam seus braços com uma das mãos espalmadas, para que os corredores as tocassem, em uma espécie de cumprimento instantâneo. Além disso, bandas de rock e corais de músicas gospel saudavam os participantes, criando um ambiente inigualável em termos de entrosamento maratonista-público.

Eu planejei adotar um ritmo de corrida extremamente cauteloso desde a largada, preparando-me para enfrentar o mais temido desafio da corrida. Já percorrendo as ruas do Brooklyn, em breve, teria que iniciar a subida da íngreme “Queensboro Bridge”, com mais de 1.100m de extensão, e que conduziria os maratonistas para Manhattan, na altura da rua 59.

A travessia da ponte minou o meu fôlego e pela primeira vez, desde a largada, constatei que realmente não havia treinado o suficiente para percorrer os 42 km. Corri mais uns 200 metros entre o final da ponte e a tomada da Primeira Avenida, trecho no qual o público dava uma demonstração de apoio aos participantes das mais calorosas. Eu corria com o meu nome e uma pequena bandeira do Brasil estampados na camisa. Para a minha surpresa, em diversas ocasiões ouvi, na forma de incentivo, o meu nome ser pronunciado por alguém na multidão ou pelo grito de ‘Brasil’, provavelmente vindo de um conterrâneo na plateia.

Capítulo VI - FÔLEGO PARA O FUTURO

Até aquele ponto, eu havia completado 26 km e o trajeto ainda a ser percorrido correspondia a um 'u' invertido – \cap . Ou seja, quanto mais eu avançasse na perna do trajeto em forma de \cap , representado pela Primeira Avenida, em direção ao Bronx, mais eu estaria me afastando da chegada no Central Park, na outra extremidade da figura, onde pegaria os meus pertencentes colocados em um ônibus identificado com a letra inicial do meu sobrenome, que estava estacionado na área de concentração utilizada na largada.

Ainda tomado por um sentimento misto de decepção, por estar decidindo abandonar a corrida, e de emoção, por ter participado de uma das mais importantes maratonas do mundo, eu prometi a mim mesmo que treinaria o suficiente para retornar a New York e concluir a maratona. E assim foi feito. Retornei no ano seguinte e completei a prova.

Enquanto caminhava para chegar ao Central Park, e mesmo nos dias seguintes, eu não dei a devida importância ao volume de treinos que conseguira realizar para participar da maratona, nem ao fato de ter completado 26 km na prova, um marco relevante para quem tinha o hábito de correr 8 km. Contudo, naquela noite de Réveillon, poucas semanas depois da corrida, eu encontraria motivos mais do que suficientes para valorizar o meu fôlego de atleta amador.

